



ELEIÇÕES MUNICIPAIS

Se no evento para a confirmação do nome do apresentador como candidato à prefeitura de São Paulo pelo PSDB teve hostilidade e xingamentos, no da deputada, o ambiente era de concordância e de apoio dos principais caciques do PSB

Confusão com Datena e sorrisos com Tabata

» FABIO GRECCHI

As homologações de José Luiz Datena (PSDB) e de Tabata Amaral (PSB) como candidatos à prefeitura de São Paulo foram em ambientes completamente opostos. Enquanto a primeira foi marcada pela tensão, com xingamentos e uma tentativa de invasão do auditório onde ocorreria o evento por parte de militantes contrários à postulação do apresentador, na segunda, reinou a convergência do partido em torno do nome da deputada — atestada pelas presenças do vice-presidente Geraldo Alckmin e do governador do Espírito Santo, Renato Casagrande.

Já se sabia que a confirmação do nome de Datena seria em clima de conflito. Isso porque o ex-presidente do PSDB paulistano, Fernando Alfredo, no dia anterior, dissera que levaria parte da militância para forçar a disputa pela indicação entre ele e o apresentador — que logo na chegada foi hostilizado por palavras que vieram de um carro de som.

Irritado, Datena devolveu os xingamentos dos apoiadores de Alfredo chamando-os de “fascistas”, “vagabundos” e “vendidos”. Ao entrar no auditório da Assembleia Legislativa de São Paulo (Alesp) onde aconteceria a homologação, o apresentador não esperou ser anunciado, pediu silêncio e passou ao ataque.

“É um bando de vendidos ao prefeito de São Paulo [Ricardo Nunes], que está borrando as calças com medo de chegarmos, pelo caminho democrático, à prefeitura de São Paulo. Não temos medo de combater essa gente. Estão misturados a bandidos para manter o crime organizado no poder. Vamos devolver o poder ao povo para que não pague para andar em ônibus do PCC e não sei se tem gente da facção, aqui, fazendo baderna. Devolveremos o PSDB ao povo e colocaremos essa gentalha do crime organizado na cadeia”, disse, citando o episódio em que o Ministério Público de São Paulo apontou que as conexões das empresas de ônibus UPBus e Transwolff — que serviam à cidade — eram braços da lavagem de dinheiro do PCC.

Na sequência, já no palco montado para a homologação — e ladeado pelo

Reprodução de vídeo



“Não temos medo de combater essa gente. Estão misturados a bandidos para manter o crime organizado no poder. Vamos devolver o poder ao povo para que não pague para andar em ônibus do PCC. Colocaremos essa gentalha na cadeia”

José Luiz Datena, candidato do PSDB

presidente do partido, Marconi Perillo, e pelo presidente do PSDB paulistano, José Aníbal, confirmado vice na chapa à prefeitura —, Datena voltou ao ataque contra Nunes.

“Esse prefeito, em vez de bater com o punho dos outros, que bata ele com a mão aberta e suja de muitas coisas que estão sendo investigadas pelo ministério público e pelas polícias, que estão atrás de gente que quer corromper a cidade de São Paulo”, acusou.

Mas ele não atacou apenas Nunes. Sobrou também para Guilherme Boulos (PSol) e afirmou que a polarização em São Paulo interessa apenas ao ex-presidente Jair Bolsonaro e ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

“Aceitamos o voto do bolsonarista que não vai votar no Nunes porque sabe

quem ele é. Aceitamos o voto do lulista que não votará no Boulos porque sabe quem ele é”, disse, classificando-os, ainda, de “marionetes”.

À saída do evento, a hostilidade a Datena continuava, o que o levou a ir até num dos portões da Alesp trocar insultos com os apoiadores de Alfredo — que registrou boletim de ocorrência alegando ter sido agredido pelos segurancas do apresentador e do PSDB.

Convergência

Já no evento que confirmou Tabata candidata à prefeitura paulistana, o ambiente era de convergência — e também ao contrário de Datena, a vaga de vice na chapa continua aberta. Além de Alckmin e de Casagrande, ela estava

Reprodução/X/Tabata Amaral



“A cracolândia é alimentada toda vez que uma criança abandona a escola. Não existe vergonha maior para a cidade mais rica do Brasil do que os milhares de miseráveis que a gente está vendo se amontoar debaixo dos viadutos”

Tabata Amaral, candidata do PSB

acompanhada ainda de João Campos, namorado e candidato à reeleição em Recife, e de Márcio França, ministro do Empreendedorismo, da Microempresa e da Empresa de Pequeno Porte.

“Não era para estar aqui hoje porque este não é o lugar que as pessoas prepararam para mim quando nasci. Não é o lugar que as pessoas sonharam para a filha de uma diarista e de um cobrador de ônibus. Se estou aqui, hoje, foi porque forcei meu caminho”, lembrou, em um discurso escrito.

Tabata criticou o fato de São Paulo ser a cidade mais rica do país e de uma grande população pobre e de rua. “A cracolândia é alimentada toda vez que uma criança abandona a escola, que uma família é despejada, que uma pessoa sofre um abuso e não é acolhida, a cada

vez que jogam um paulistano na rua. Não existe vergonha maior para a cidade mais rica do Brasil do que os milhares de pessoas miseráveis que a gente está vendo se amontoar debaixo dos nossos viadutos e marquises”, frisou.

A candidata do PSB deu a entender, também, que espera uma campanha de baixo nível pelos adversários. “Eles virão com o ódio, com a mentira, mas nossa arma é a esperança. Aprendi que a esperança é contagiante e vamos contagiar esta cidade com nossa luta, coragem e firmeza”, observou, aproveitando para homenagear o ex-governador pernambucano Eduardo Campos, pai de João Campos, que morreu em um acidente aéreo em 2014, ao adaptar uma frase que costumava dizer. “Não vamos desistir de São Paulo”, enfatizou.

NAS ENTRELINHAS



Por Luiz Carlos Azedo
luizazedo.df@dabr.com.br

Antiamericanismo pró-Maduro é um erro

Certa vez, o falecido historiador Tony Judt (*Quando os fatos mudam*, Objetiva) comparou os Estados Unidos a um veículo utilitário tipo SUV, tão ao gosto dos americanos e de brasileiros. “Com tamanho e peso subdimensionados, o SUV zomba de qualquer acordo negociado para limitar a poluição atmosférica. Consome quantidades extraordinárias de recursos escassos para abastecer habitantes privilegiados, com serviços que vão muito além do necessário. Expõe os que estão fora dele a risco mortal apenas para proporcionar uma segurança ilusória aos seus ocupantes. Num mundo superpovoado, o SUV aparece como um perigoso anacronismo”.

Judt comparava o SUV à política externa norte-americana, “embrulhada em altissonantes informações sobre sua missão, mas, debaixo disso tudo, não passava de uma picape de tamanho exagerado com o motor potente demais. O veículo pode ser moderno, mas a ideia por trás dele, não”.

No contexto da guerra do Iraque, que foi um desastre para o Oriente Médio e para a política internacional, o historiador aproveitou a analogia para listar argumentos utilizados por intelectuais europeus contra os Estados Unidos, por

sua vã pretensão de ser o xerife de um imaginário mundo unipolar.

Os produtos norte-americanos, manufaturados e embalados em outros países não exercem o mesmo fascínio. *O América way of life* já não provoca tanta inveja. Entretanto, não existe um sentimento raivoso contra o povo norte-americano, muito pelo contrário. Sua nova realidade multiétnica tem enorme poder de atração, ainda que o supremacismo branco ainda ronde a Casa Branca. O que realmente semeia o antiamericanismo é a política externa intervencionista norte-americana, cuja sutileza é a de um HMMWV (Veículo Automóvel Multifunção de Alta Mobilidade em português, que inspirou o Hummer, o utilitário civil).

Desde a guerra do Iraque, quando pareciam exibir sua melhor forma, essa política revela três contradições: primeira, sistematicamente atropela a Organização das Nações Unidas (ONU), cujo papel na política internacional continua sendo muito relevante, o que gera muita antipatia; segunda, a instrumentalização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) para compensar a decadência de sua hegemonia na Europa, ao lado da Inglaterra, gera muitos

descontentamentos, principalmente na Alemanha e na França; terceira, esse intervencionismo permanente neutraliza a própria capacidade de resolução dos conflitos, como acontece, por exemplo, no Oriente Médio.

Entretanto, a força do “americanismo” no cotidiano das pessoas ainda é muito maior do que esse sentimento antiamericano. Inclusive aqui no Brasil, onde a esquerda tem motivos de sobra para se queixar da interferência dos EUA na vida nacional, particularmente durante o governo Dutra (1956-1941), na crise que levou Getúlio Vargas ao suicídio (1954) e no golpe militar de 1964. Mas o que é o americanismo? Grosso modo, admiração e imitação do que é americano, seja no modo de vida, na cultura ou na política.

Venezuela

Trata-se de um fenômeno cultural, político e econômico, um modo de vida que surgiu imbricado, historicamente, na esfera produtiva, com o taylorismo — como modelo de organização do trabalho — e com o fordismo — um mecanismo de acumulação de capital, hoje ultrapassado pela

tecnologia digital e a acumulação de capital social. Quando surgiu, deslocou o centro da indústria mundial da Europa para os EUA e forjou o modo de vida dos americanos, que passou a ser um padrão imitado em todo o mundo. Essa vitória cultural e política combinou força e persuasão, com altos salários, benefícios sociais, propaganda moral e instrução. O americanismo criou um modo de consumo intimamente associado à ideologia do progresso individual, que agora está sendo posta em xeque pela sociedade pós-industrial.

Mesmo assim, a política externa brasileira não tem nenhuma chance de dar certo se for pautada pelo antiamericanismo, ainda mais em questões como a da Venezuela. A diplomacia precisa de um consenso nacional, para que o seu eixo não deixe de ser a política externa e passe a ser a interna, e aprofunde ainda mais a divisão do país. Quando a esquerda brasileira aposta na permanência de Nicolás Maduro a qualquer preço, seja por meio de eleições fraudadas ou de um golpe de Estado, comete o equívoco de confrontar os valores democráticos. E o americanismo disseminado na sociedade, muito mais do que a política externa dos EUA, tem projeção de poder que nem se compara à nossa. Ou seja, não somos a força decisiva nesse processo venezuelano, que opõe os EUA a

Rússia, China e Cuba. Seríamos o marisco entre o mar e o rochedo.

Nos bastidores das relações com a Venezuela, os EUA são mais pragmáticos do que se imagina. A pedido da Casa Branca, o Brasil teve um papel importante na negociação do acordo que sustou as sanções norte-americanas ao governo de Maduro em outubro de 2023. Havia interesse recíproco na normalização das relações, por causa do petróleo — sempre ele —, sobretudo depois da guerra da Ucrânia. A condição do acordo era a realização de eleições livres, em que houvesse direito ao dissenso e possibilidade de alternância de poder.

As medidas tomadas por Maduro para conter a oposição e manipular as eleições romperam o acordo, cujo fiador era o presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Provocaram novas sanções e o impasse político atual. Teremos dias de grandes emoções.

Os EUA têm interesse no petróleo venezuelano, sim, mas estão mais preocupados com a sua aliança militar com a Rússia, a influência política de Cuba e a crescente presença econômica da China na América do Sul. Com um olho na Venezuela e outro nos EUA, principal destino das exportações de nossa indústria, o Brasil não pode se pautar pelo antiamericanismo nesta crise da Venezuela, como deseja a nossa velha esquerda. Seria um grave erro.